

REFLEXOS DA CRISE FINANCEIRA DE 2008 SOBRE LIQUIDEZ, CAPITAL DE TERCEIROS E RENTABILIDADE DOS BANCOS LISTADOS NA BM&FBOVESPA

EFFECTS OF THE 2008 FINANCIAL CRISIS ON LIQUIDITY, THIRD PARTY CAPITAL AND PROFITABILITY OF LISTED BANKS ON BM&FBOVESPA

Rafael Klein MORESCHI¹

Leandro NEUHAUS²

Augusto FISCHER³

Ieda Margarete ORO⁴

Recebido em: 13/03/2017

Aceito em: 03/09/2018

<http://dx.doi.org/10.4025/cadadm.v26i1.36004>

RESUMO

Este estudo teve como objetivo analisar os reflexos da crise financeira de 2008 sobre a liquidez, capital de terceiros e a rentabilidade dos bancos que integram a B3 e listados na BM&FBovespa, que constam como ativos. A pesquisa se caracteriza como descritiva e de abordagem quantitativa. Os dados secundários foram obtidos da base de dados Economatica®, referente ao período de 2006 a 2010. Para a análise dos dados, foram utilizados e interpretados indicadores de análise econômico-financeiros. Os resultados indicam que a crise financeira de 2008 teve reflexos negativos significativos nos indicadores econômicos (rentabilidade) dos bancos, ao passo que os indicadores financeiros de liquidez e participação do capital de terceiros praticamente não sofreram variações no período de análise.

Palavras-chave: Crise financeira de 2008. Indicadores econômico-financeiros. Setor bancário.

ABSTRACT

The purpose of this study was to analyze the effects of the 2008 financial crisis on the liquidity, third-party capital and profitability banks that integrate the B3 of listed on

¹ Administrador na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).

² Mestre em Administração pela Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

³ Professor da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

⁴ Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina (UNOESC).

BM&FBovespa. The research is characterized as descriptive and quantitative approach. The secondary data were obtained from the Economatica® database, for period from 2006 to 2010. For the data analysis, were used and interpreted economic-financial analysis indicators. The results indicate that the 2008 financial crisis has had significant negative effects on economic indicators (profitability) of the banks, while the financial indicators of liquidity and debt capital participation practically did not vary during the analysis period.

Keywords: Financial crisis of 2008. Economic-financial indicators. Banking industry.

1 INTRODUÇÃO

Desde a instituição do sistema capitalista o mundo vem enfrentando recorrentes crises econômico-financeiras, sendo a maior e mais famosa dessas a crise de 1929, que se constituiu na quebra da Bolsa de Valores de Nova York, resultando em um grande estrago no mercado financeiro e na economia mundial como um todo.

Segundo Baer (2003), as crises econômico-financeiras no capitalismo decorrem de dificuldades no processo de acumulação do capital, que é seu objetivo central. Tais dificuldades resultam do declínio nas taxas de lucro. Em consequência, reduzem-se os investimentos, cai a produção, diminui o comércio e ocorre o desemprego.

No ano de 2008, o mundo passou por uma nova crise financeira, que chegou a ser comparada por alguns economistas à crise de 1929. Os primeiros sinais da crise de 2008 surgiram em 2004 quando, devido à alta dos juros nos Estados Unidos, houve um aumento da inadimplência no mercado imobiliário americano. Esta crise estava diretamente relacionada à inadimplência que se alastrou para várias instituições financeiras que quebraram. O resultado foi que, com a falência dessas instituições, houve uma crise de confiança no mercado e os bancos congelaram os empréstimos para evitar calotes.

A crise financeira nos Estados Unidos refletiu em todos os países, inclusive no Brasil, pois as economias mais expressivas estão globalizadas. O elevado grau de interação das economias ao nível global e as relações financeiras com a economia, estruturadas sobre o atual modelo da globalização dos fluxos financeiros, refletem com intensidade e velocidade sobre a economia de todos os países, afetando, direta e indiretamente, todos os segmentos econômicos.

Diante deste cenário, evidencia-se como as crises financeiras tornam-se mais recorrentes ao longo dos anos e pode-se observar os bancos como os mais afetados, o que, consequentemente, reflete em todo o sistema financeiro e na economia. Em momentos como esses, as instituições financeiras precisam estar preparadas, a fim de evitar maiores consequências e minimizar danos. Os bancos devem tomar decisões e, nesse momento, a informação é fundamental, seja informação interna ou externa. As informações extraídas das demonstrações contábeis, especialmente as necessárias à análise econômico-financeira, são de suma importância para a tomada de decisão.

Dentre as técnicas de análise econômico-financeira, destaca-se a análise por meio de indicadores (MATARAZZO, 2003). Silva (2008) afirma que a avaliação por meio de indicadores de desempenho é adequada para análises históricas e também para análises comparativas entre organizações. Assim, percebe-se a importância da utilização de

indicadores de desempenho para auxiliar a análise financeira de empresas como instituições financeiras.

Neste contexto, insere-se a temática deste estudo, que objetivou analisar os reflexos da crise financeira de 2008 sobre a liquidez, o capital de terceiros e a rentabilidade dos bancos listados na B3 no *site* da BM&FBovespa, que constam como ativos. Para tal, utilizou-se de dados secundários, principalmente da base de Economatica®, do qual se extraíram os indicadores econômico-financeiros dos bancos que integram a amostra, no período de 2006 a 2010. Os indicadores obtidos foram: indicadores de liquidez geral e corrente, de participação de capital de terceiros, das margens bruta e líquida e dos retornos sobre o patrimônio líquido ou *Return on Equity* (ROE) e sobre o ativo ou *Return on Assets* (ROA), no período anterior, durante e posterior à crise financeira de 2008.

A escolha do setor bancário se deve ao fato do mesmo ser um dos mais importantes do mercado financeiro e do sistema capitalista como um todo, e cujas atividades são altamente dependentes da liquidez. Este estudo justifica-se, principalmente, pela necessidade de conhecer os reflexos da crise econômico-financeira de 2008 pela importância do setor bancário para o mercado financeiro e para a economia. As instituições bancárias dos Estados Unidos foram fortemente influenciadas pela referida crise, algumas, inclusive, indo à falência, e, nesse sentido, também interessa avaliar os reflexos desta crise nas instituições bancárias brasileiras.

A significativa diminuição dos índices de inflação a partir da implantação do Plano Real levou à constatação que muitos bancos não geravam ganhos operacionais e sim ganhos gerados pela conjuntura inflacionária (BRITO, 2003). Desta forma, buscou-se por meio deste estudo, relacionar as variações dos indicadores econômico-financeiros destas instituições com a ocorrência da crise financeira de 2008.

Este artigo foi organizado da seguinte forma: além desta introdução, na segunda seção apresenta-se a revisão bibliográfica relacionada aos indicadores econômico-financeiros e a crise de 2008; na terceira seção abordam-se os procedimentos metodológicos aplicados; na quarta seção são apresentados e analisados os dados, bem como discutidos os resultados da pesquisa; e na quinta seção apresentam-se as considerações finais.

2 INDICADORES ECONÔMICO-FINANCEIROS E A CRISE DE 2008

Durante a crise financeira de 2008 era comum a avaliação de que a economia brasileira estava preparada para enfrentá-la. Porém, a natureza da inserção externa do país e as tímidas políticas de melhorias e inovações sugeriam cautela em relação a esta assertiva. Ainda que não houvesse consenso sobre a magnitude da crise, sabia-se que era grave e estava afetando a economia brasileira, visto que o acesso ao crédito bancário ficou mais difícil e caro no país, as linhas de crédito externo ficaram escassas, os projetos de investimento foram abortados e o câmbio ficou muito volátil e se desvalorizou. Isso pesou negativamente para o país, uma vez que a desvalorização cambial dificulta o alcance da meta de inflação, contribuindo para inibir a redução da taxa básica de juros, comprometendo o crescimento econômico (SILVA; RESENDE, 2008).

Neste cenário, apesar da crise não atingir de forma abrupta a economia brasileira, pois, segundo Dulci (2009), o país tinha uma relativa proteção frente ao colapso do sistema financeiro nos Estados Unidos e na Europa, graças à solidez dos bancos nacionais e à melhor supervisão dos órgãos relacionados ao sistema financeiro nacional, principalmente o Banco

Central do Brasil. Mas a crise atingiu gradualmente a produção e o comércio dos países emergentes, inclusive o Brasil, pela restrição do crédito que ficou limitado e caro, e pela queda nos preços dos produtos básicos de exportação, ou *commodities*, matérias-primas e alimentos que haviam atingido elevadas cotações no começo de 2008. Observou-se ainda a queda da bolsa de valores, aumento do risco Brasil e desvalorização do câmbio em razão da venda de papéis brasileiros (ações, títulos públicos e outros papéis de empresas) pelos fundos de investimentos, com o objetivo de compensar as perdas nos mercados americano e europeu, além de busca de maior segurança nos títulos do governo dos EUA.

Adicionalmente, a redução da liquidez nos mercados financeiros internacionais implicou no aumento do custo do refinanciamento externo para as empresas brasileiras, além de diminuição do crédito na economia brasileira (para exportadores, agricultura, bancos menores e consumo de bens duráveis). Para agravar ainda mais a situação, empresas exportadoras tiveram elevados prejuízos no mercado de câmbio, em operações com derivativos. No entanto, apesar de todos estes reflexos, a economia brasileira foi menos afetada, se comparada a outras economias (SILVA; RESENDE, 2008).

Uma crise econômico-financeira leva a uma forte e rápida perda de riqueza e substância social, política e institucional em uma economia, manifestada pelo colapso dos preços dos ativos, recessão e desemprego, gerando ameaça à estabilidade da moeda e sistema bancário (PINHEIRO, 2001). Sandroni (1999) destaca que a crise é um momento de transição para uma recessão ou depressão econômica, pois uma crise econômico-financeira afeta diretamente as operações bancárias. É um período em que o andamento normal de um processo econômico sofre uma avaria provisória.

O sistema capitalista está sujeito a ocorrências de crises, que, por sua vez, deixam marcas, levando a mudanças de uma forma geral. Para superação da crise, a receita clássica capitalista é restabelecer a lucratividade do capital a fim de possibilitar novamente a acumulação do mesmo. Isso ocorre pela intensificação do grau de exploração do trabalho, facilitada pelo desemprego gerado durante a crise, o que induz os trabalhadores desempregados a aceitarem salários mais baixos. Também, pelo menor número de unidades econômicas, em decorrência da falência, durante a crise, das empresas mais fracas e vulneráveis, o que permite a expansão das que sobrevivem. Geralmente, a superação da crise é impulsionada também por avanços tecnológicos significativos (BAER, 2003).

Com o surgimento da globalização, as economias passaram a ser mais interligadas, diminuindo consideravelmente suas barreiras alfandegárias, formando blocos econômicos e expondo-se mais aos agentes internacionais. Soma-se a esse fenômeno a fragilidade de sistemas que não aplicam os fundamentos macroeconômicos, podem levar a uma crise econômico-financeira. Pode-se dizer que a globalização apresenta risco em função de três fatores: a intercomunicação instantânea que aumenta a volatilidade dos capitais; a interligação do sistema financeiro internacional; e os novos agentes financiadores, que estão além do controle dos bancos centrais (PINHEIRO, 2001).

Há uma relação entre as crises financeiras e a economia que perde liquidez e a confiança no sistema financeiro, aumentando o endividamento. Para o Brasil, a crise do *subprime* também provocou projeções de crescimento menores para 2008, bem como a desaceleração crescente das atividades ao longo do mesmo ano (SILVA; CARDOSO; TOLEDO FILHO, 2010). Como as transações de compra e venda de ações de empresas nas bolsas de valores estão apoiadas no sistema financeiro, há influência sobre as bolsas, além da queda do valor das ações das empresas, ampliando o alcance da crise. Silva, Cardoso e Toledo Filho, (2010) apuraram um aumento do endividamento entre 2007 e 2008 de, aproximadamente, 12% na média dos setores de empresas que atuavam na Bovespa. Para reduzir os reflexos da crise no Brasil,

relacionados à falta de crédito para financiamento das operações nas empresas, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico Social (BNDES) liberou recursos para investimentos.

Com a crise financeira, o sistema bancário entra em crise, pois acaba a oferta de crédito e as empresas ficam sem os recursos de curto prazo para as suas operações financeiras diárias, ou seja, afeta diretamente as operações vitais de muitas empresas (MOTTA, 2008). Segundo Motta (2008), isto ocorreu durante a crise financeira de 2008, uma vez que os grandes bancos passaram a reter recursos para fazer caixa, evitando assim operar no interbancário. Isso afetou gradativamente as instituições de pequeno e médio porte, na medida em que aumentou a disputa pelos recursos locais, que ficaram mais caros e escassos.

Para Assaf Neto (2008), isso se explica porque, como todo negócio, os bancos têm como seu principal objetivo maximizar a riqueza de seus proprietários, por meio de uma adequada relação de risco e retorno. O capital de terceiros contribui para a alavancagem financeira, possibilitando a maximização do retorno sobre o capital próprio. Myers (1984) deduz que empresas com ativos seguros e tangíveis podem optar por um maior endividamento, enquanto empresas com menor rentabilidade e ativos intangíveis e de maiores riscos devem escolher menores níveis de dívida. Para os bancos, os recursos captados de terceiros caracterizam o objeto de suas atividades de intermediação entre poupadores e tomadores de recursos financeiros.

Os investimentos em capital de giro não geram diretamente unidades físicas de produção e venda, meta final do processo empresarial de obtenção de lucros. Gitman (2010) corrobora essa ideia e confirma o dilema entre manter um elevado montante empregado no capital de giro e maximizar a rentabilidade da empresa. Ou seja, valores elevados aplicados no ativo circulante tendem a gerar custos para sua manutenção, não agregando diretamente valor à empresa e prejudicando, assim, a rentabilidade. Verifica-se assim um dilema para os gestores entre a liquidez e a rentabilidade demonstrada por meio de uma relação negativa entre as duas variáveis.

Neste contexto, surge como uma ferramenta eficaz a análise econômico-financeira por meio de índices, uma vez que esta ferramenta permite a realização de um diagnóstico profundo da situação econômico-financeira da instituição, possibilitando, desta forma, o redirecionamento das estratégias empresariais, caso necessário. Segundo Padoveze (2009, p. 440),

a análise por meio de índices compreende a geração de um painel básico de indicadores que podem ser tanto de relações entre elementos do balanço patrimonial, como de elementos da demonstração de resultados que se relacionem com o balanço patrimonial.

Nesta mesma linha, Matarazzo (2003, p. 147) enfatiza que “índice é a relação entre contas ou grupo de contas das demonstrações financeiras, que visa evidenciar determinado aspecto da situação econômica ou financeira de uma empresa”. A análise econômico-financeira deve ter uma linguagem clara e descomplicada, de forma a facilitar o entendimento. O auxílio de índices facilita muito esta análise, pois permite uma mensuração mais acurada do desempenho da empresa.

Segundo Silva (2008), a análise econômico-financeira por meio de indicadores de desempenho compreende uma análise minuciosa dos dados financeiros disponíveis sobre a empresa, geralmente divulgados em suas demonstrações financeiras, e também dos eventos internos e externos que a afetam financeiramente. As demonstrações financeiras fornecem

vários dados relativos à empresa e à análise financeira, ou análise de balanços, transforma esses dados em informações úteis para a tomada de decisão.

Existem diversos indicadores econômico-financeiros que auxiliam na análise, sendo que alguns desses indicadores são apresentados e utilizados por quase todos os autores e profissionais, enquanto outros nem sempre o são, pois cada autor apresenta um conjunto de índices que, de alguma forma, difere dos demais autores (MATARAZZO, 2010). Mas, para uma análise adequada, não são necessários muitos indicadores, mas sim um que possibilite uma boa visão sobre a empresa (SILVA, 2008). É importante que o usuário tenha claro o objetivo da análise que pretende desenvolver, para então definir a quantidade e o tipo de índices que serão utilizados, pois o uso de uma grande quantidade de índices pode confundir o usuário enquanto uma pequena quantidade pode ser insuficiente para que sejam tiradas conclusões sobre a empresa.

Matarazzo (2003) subdivide o exame das demonstrações financeiras em análise da situação financeira e análise da situação econômica. A partir dessa subdivisão, o referido autor classifica os índices em três grupos, a saber: índices de liquidez e índices de estrutura de capital e endividamento, que evidenciam aspectos da situação financeira, e índices de rentabilidade que, por sua vez, evidenciam aspectos da condição econômica de remuneração e risco de investimentos.

Os índices de liquidez, subdivididos em liquidez geral, liquidez corrente e liquidez seca, resultam do confronto dos ativos com os passivos. Estes índices permitem verificar a situação financeira da empresa, ou seja, sua capacidade de pagamento das obrigações contraídas. (MATARAZZO, 2010).

Os índices de estrutura de capital referem-se às fontes de financiamentos, representando capital aplicado na empresa, quer seja próprio ou de terceiros. Por esta condição, e como indicam a dependência de capitais de terceiros, também são conhecidos como índices de endividamento. A análise destes índices é uma fonte geradora de informações sobre investimentos e financiamentos, pois as duas opções geram para a empresa retornos e riscos que devem ser analisados de forma cautelosa (SILVA, 2008). Para Matarazzo (2010), esse grupo de índices tem grande importância para as decisões financeiras em termos de aplicação e obtenção de recursos. Os índices desse grupo se subdividem em: participação de capitais de terceiros ou endividamento geral, composição do endividamento, imobilização do patrimônio líquido e imobilização dos recursos não correntes.

Os índices de rentabilidade permitem verificar os rendimentos sobre os capitais investidos na empresa e, com isso, qual foi o seu resultado econômico. São quatro índices de rentabilidade: Margem Bruta, Margem Líquida, Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE) e Retorno sobre o Ativo (ROA) (idem, ibidem).

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, documental e de natureza quantitativa com corte seccional. De acordo com Martins (1994, p. 28), a pesquisa descritiva “tem como objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno, bem como o estabelecimento de relações entre variáveis e fatos”. A abordagem do estudo é quantitativa com corte seccional ou transversal. Para Richardson (1999, p. 145), neste tipo de estudo “os dados são coletados em um ponto no tempo, com base em uma amostra selecionada para descrever uma população nesse determinado momento”.

Para definir a população deste estudo, selecionou-se na base de dados Economatica®, pela classificação da Naics (Sistema de Classificação Norte-Americano da Indústria), o Setor Serviços Financeiros e Seguros, Subsetor Bancos, com sede no Brasil, com operações de ações na bolsa e ativo em 2014, sendo listados 25 bancos. Contudo foram excluídos o Banco BTG Pactual (BTGP BANCO), por apresentar dados somente no ano de 2010, Financeira Alfa (ALFA FINANC), a Finansinos (FINANSINOS) e Mercantil Brasil Financeira (MERC FINANC), por serem classificadas como Sociedades de Crédito e Financiamento. Assim, a população deste estudo compreendeu 21 bancos com sede no Brasil, conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Amostra da Pesquisa

Nome pregão	Razão Social	Nome pregão	Razão Social
Abc Brasil	Banco ABC Brasil S. A.	BRB Banco	BRB Banco de Brasília S. A.
Alfa Invest	Banco Alfa de Investimentos	Daycoval	Banco Daycoval S. A.
Amazonia	Banco da Amazônia S. A.	Indusval	Banco Indusval S. A.
Banco Pan	Banco Pan S. A.	Itau/Unibanco	Itaú Unibanco Holding S. A.
Banese	Banco Estado de Sergipe S. A.	Merc Brasil	Banco Mercantil do Brasil S.A.
Banestes	Banco Estado do Espírito Santo	Merc Invest	Bco Mercantil Invest.S. A.
Banpara	Banco Estado do Pará S. A.	Nord Brasil	Banco Nordeste do Brasil S. A.
Banrisul	Bco Est Rio Grande do Sul S. A.	Paraná	Paraná Banco S. A.
Bicbanco	Banco Industrial e Comercial S. A.	Pine	Banco Pine S. A.
Bradesco	Banco Bradesco S. A.	Santander BR	Banco Santander (Brasil) S. A.
Brasil	Banco do Brasil S. A.		

Fonte: Elaborado pelos autores.

Após a seleção da amostra, foram coletados indicadores econômico-financeiros do período de 2006 a 2010. Para a apuração e análise dos resultados dos indicadores foram utilizadas as técnicas de interpretação e análise das demonstrações financeiras. Os grupos de indicadores com as respectivas descrições são apresentados na Tabela 2.

Tabela 2 – Grupos de Indicadores Utilizados

Análise	Grupo de indicadores		Descrição	
Financeira	Índices de Liquidez	Medem a capacidade de pagamento de uma empresa (sua habilidade em cumprir corretamente as obrigações passivas assumidas).	Liquidez Geral	Indica quanto a empresa possui de Ativo Circulante e Realizável a Longo Prazo para cada R\$ 1,00 de dívida total.
			Liquidez Corrente	Indica quanto a empresa possui no Ativo Circulante para cada R\$ 1,00 de Passivo Circulante.
	Participação do capital de terceiros	Indicam o grau de dependência do capital de terceiros em relação ao Ativo Total.	Participação do capital de terceiros	Indica, em percentual, o endividamento da empresa em relação aos ativos totais, ou seja, qual o percentual do ativo total é financiado com recursos de terceiros.
Econômica	Índices de Rentabilidade	Medem o rendimento dos capitais investidos na empresa, evidenciando o sucesso ou insucesso empresarial.	Margem Bruta	Indica, em percentual, a capacidade da empresa em gerar lucro bruto em comparação a sua receita líquida de vendas.
			Margem Líquida	Indica, em percentual, a capacidade da empresa em gerar lucro líquido em comparação a sua receita líquida de vendas.
			Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE)	Indica, em percentual, quanto a empresa obteve de Lucro sobre o Capital Próprio investido.
			Retorno sobre o Ativo (ROA)	Indica, em percentual, quanto a empresa obteve de Lucro sobre o Investimento Total.

Fonte: Elaborado pelos autores.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção são apresentados e discutidos os indicadores de análise econômico-financeira. Na análise financeira, são considerados os indicadores de liquidez geral e corrente e de participação do capital de terceiros. Para a análise econômica consideraram-se os indicadores de margem bruta e líquida e de retornos sobre o patrimônio líquido e sobre o ativo.

4.1 ANÁLISE FINANCEIRA

A análise financeira se preocupa com a capacidade de pagamento da empresa, no curto e longo prazo, ou seja, preocupa-se com as disponibilidades como forma de saldar as dívidas da empresa, bem como com a estrutura de capital da mesma, isto é, como a empresa se financia, com recursos próprios ou de terceiros. Portanto, nesta análise são apresentados os resultados referentes aos índices de liquidez e da participação do capital de terceiros.

4.1.1 Índices de Liquidez

Apesar de variações mais acentuadas para alguns bancos, a média dos índices de liquidez geral e corrente do setor bancário manteve-se estável durante o período (Tabela 3).

Tabela 3 – Índices de Liquidez

Banco	Liquidez Geral (%)					Liquidez Corrente (%)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
Abc Brasil	1,13	1,24	1,18	1,20	1,16	1,22	1,12	1,09	1,15	1,30
Alfa Invest	1,08	1,08	1,09	1,11	1,14	1,00	0,92	1,12	0,78	1,15
Amazônia	1,41	1,35	1,30	1,28	1,26	1,07	1,05	0,81	0,72	0,76
Banco Pan	1,06	1,20	1,15	1,12	1,00	1,00	1,04	1,29	1,08	0,71
Banese	1,05	1,05	1,04	1,05	1,05	1,04	1,07	1,24	1,01	1,05
Banestes	1,03	1,04	1,06	1,07	1,08	0,91	0,91	0,85	0,88	0,89
Banpará	1,06	1,06	1,11	1,11	1,13	0,45	0,59	0,78	0,79	0,80
Banrisul	1,08	1,15	1,12	1,12	1,12	0,74	0,85	0,91	0,82	0,76
Bicbanco	1,08	1,16	1,15	1,18	1,12	1,22	1,27	1,39	1,18	1,36
Bradesco	1,09	1,09	1,06	1,07	1,06	1,22	1,22	1,39	1,25	1,13
Brasil	1,05	1,05	1,04	1,03	1,04	0,69	0,74	0,79	0,82	0,90
BRB Banco	1,10	1,08	1,08	1,09	1,10	0,92	0,65	0,74	0,77	0,66
Daycoval	1,16	1,30	1,31	1,31	1,25	1,23	1,27	1,52	1,52	1,49
Indusval	1,13	1,22	1,24	1,18	1,15	1,21	1,20	1,33	1,37	1,29
Itaú Unibanco	1,11	1,10	1,06	1,08	1,08	1,34	1,32	1,37	1,39	1,41
Merc Brasil	1,08	1,06	1,07	1,06	1,07	1,41	1,36	1,60	1,46	1,53
Merc Invest	1,57	1,75	1,04	1,03	1,04	1,21	1,39	1,62	2,03	0,57
Nord Brasil	1,12	1,11	1,11	1,11	1,09	1,20	1,36	1,48	1,37	1,28
Paraná	-	1,71	1,64	1,36	1,33	-	1,56	1,50	1,40	1,08
Pine	1,11	1,16	1,15	1,13	1,11	1,13	1,17	1,27	1,15	1,14
Santander BR	1,07	1,07	1,06	1,13	1,12	0,98	1,05	1,10	1,02	1,02
Média do Setor	1,08	1,09	1,06	1,07	1,07	1,01	1,04	1,14	1,08	1,10

Fonte: Elaborado pelos autores

A média da liquidez geral registrou pequenas oscilações durante o período analisado, com queda acumulada em 2010 de 0,9% em relação à média de 2006. A oscilação mais acentuada foi a redução de 2,8% em 2008, comparada à média de 2007, cujos efeitos são atribuídos à crise financeira internacional. Individualmente, os bancos com maior representatividade em ativos, como Bradesco, Banco do Brasil e Itaú/Unibanco, além de mais dois bancos - Mercantil Brasil e Nordeste Brasil - com representatividade menor, tiveram pequena redução da liquidez geral. Os demais bancos – Amazônia, Mercantil Investimentos e Paraná – que tiveram reduções acentuadas da liquidez geral, têm pequena representatividade em ativos.

A liquidez corrente, por sua vez, apresentou oscilações maiores que a liquidez geral ao longo do período. Além disso, ao contrário da liquidez geral, a liquidez corrente acumulou um aumento de 8,9% no período de 2006 a 2010, sendo que em 2008 aumentou 9,6% em relação a 2007 e, após a queda em 2009, voltou a crescer em 2010. No período analisado, a liquidez corrente dos bancos Amazônia, Banco Pan, Banestes, Bradesco, BRB Banco, Mercantil Investimentos e Paraná registraram redução da liquidez corrente, enquanto os demais bancos registraram aumento da mesma.

O comportamento observado nos índices de liquidez, principalmente da liquidez corrente, reflete a política monetária adotada pelo governo federal através do BACEN, visando manter a liquidez do sistema bancário nacional. O BACEN injetou liquidez rapidamente no sistema

bancário brasileiro, contribuindo para a normalização das condições de crédito na economia (FERREIRA, 2014). Além disso, devido à desaceleração da atividade econômica, e diante da elevada remuneração dos títulos públicos, o sistema bancário preferiu a liquidez (GENTIL; MARINGONI, 2009).

4.1.2 Participação do Capital de Terceiros

A participação de capital de terceiros, na média do setor, apresentou pequena variação no período analisado (Tabela 4), cujas variações não podem ser atribuídas à crise financeira global. Esta situação evidencia que o sistema bancário não sofreu influência sobre seus níveis de endividamento geral, em decorrência da crise de 2008.

Tabela 4 – Participação do capital de terceiros

Empresa	2006 (%)	2007 (%)	2008 (%)	2009 (%)	2010 (%)
Abc Brasil	88,32	80,73	84,39	83,23	86,07
Alfa Invest	91,92	92,01	91,68	89,92	87,73
Amazônia	67,07	70,62	73,96	75,69	77,15
Banco Pan	89,93	83,38	86,76	88,65	99,81
Banese	92,67	93,40	93,89	93,36	92,33
Banestes	93,77	93,79	93,33	92,55	91,66
Banpará	91,01	92,39	88,37	88,09	86,92
Banrisul	91,68	86,34	87,77	88,27	88,00
Bicbanco	92,46	85,65	85,92	84,43	88,47
Bradesco	90,63	91,00	92,33	91,53	92,33
Brasil	92,95	93,18	94,26	94,90	93,74
BRB Banco	88,46	91,23	91,92	89,93	89,73
Daycoval	85,76	76,67	76,35	75,95	80,03
Indusval	86,64	81,60	79,84	84,14	86,97
Itaú Unibanco	88,11	89,43	92,66	91,05	91,36
Merc Brasil	89,80	92,20	91,66	92,50	92,41
Merc Invest	63,64	56,96	96,32	97,42	96,16
Nord Brasil	87,96	88,67	88,89	89,18	90,85
Paraná	-	56,68	59,06	72,07	73,08
Pine	89,71	85,91	86,62	88,15	90,29
Santander BR	92,14	91,95	85,52	80,98	83,08
Média do Setor	90,81	90,87	91,45	90,60	90,96

Fonte: Elaborado pelos autores

De forma geral, a crise de 2008 não influenciou significativamente a participação do capital de terceiros, ou endividamento geral. Apesar da maioria dos bancos ter registrado aumento deste índice de 2007 a 2008, cuja média variou em pouco mais de meio ponto percentual, o mesmo voltou a cair no ano seguinte.

Os três maiores bancos em ativos totais – Bradesco, Banco do Brasil, Itaú/Unibanco – apresentaram oscilações semelhantes, com crescimento da participação de capital de terceiros entre 2008 e 2009, e redução em 2010. O Santander – na quarta posição – apresentou oscilação inversa, com queda da participação até 2009, em comparação ao nível de 2006. O Banco Mercantil de Investimentos teve o maior crescimento de 2007 a 2008, mas o fato não pode ser atribuído à crise, visto que o índice estava bem abaixo da média do setor.

O Banco Pan teve um aumento surpreendente de participação de capital de terceiros em 2010, o que reflete, inclusive, em suas margens de lucratividade (ver Tabela 5), e no retorno sobre o patrimônio líquido e sobre o ativo (Tabela 6). Apesar do maior aumento relativo, o Banco Paraná possui a menor participação de capital de terceiros.

Os elevados níveis da participação do capital de terceiros também são explicados pela natureza da atividade de intermediação financeira dos bancos comerciais entre poupadores e tomadores de recursos monetários. A elevada participação do capital de terceiros é uma característica peculiar ao setor bancário, uma vez que estas instituições trabalham maciçamente com capital de terceiros.

4.2 ANÁLISE ECONÔMICA

Na análise econômica foram avaliadas as variações na margem bruta e margem líquida, retornos sobre o patrimônio líquido e sobre o ativo. A Tabela 5 apresenta as margens brutas e as margens líquidas dos bancos que integram a amostra.

Tabela 5 - Margens Bruta e Líquida

Banco	Margem Bruta (%)					Margem Líquida (%)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
Abc Brasil	41,77	49,28	25,46	48,74	45,22	15,59	19,64	14,05	20,63	21,65
Alfa Invest	16,09	15,72	11,57	18,74	20,72	7,57	16,59	8,66	7,40	9,33
Amazônia	48,80	56,00	41,83	30,66	38,89	27,45	29,28	25,96	3,70	17,33
Banco Pan	50,25	57,35	43,66	47,23	4,99	4,54	5,51	3,39	5,46	(61,19)
Banese	60,06	63,05	50,23	50,10	57,77	23,05	16,04	11,30	11,53	16,60
Banestes	37,36	35,91	33,26	31,43	42,76	17,78	18,63	14,22	11,00	14,46
Banpará	54,77	58,92	62,04	72,11	73,75	2,76	9,32	25,87	12,84	17,27
Banrisul	53,47	49,19	44,39	49,73	49,49	10,96	31,65	15,23	12,70	15,31
Bicbanco	32,76	43,48	37,89	51,50	45,46	9,43	14,32	16,06	21,39	17,25
Bradesco	41,81	43,34	27,38	32,39	38,01	13,25	19,28	13,29	12,78	14,36
Brasil	29,10	37,17	22,44	27,74	31,94	16,27	12,41	15,41	15,44	14,19
BRB Banco	69,54	63,06	59,39	60,71	61,43	13,83	13,11	12,33	17,47	13,36
Daycoval	48,25	50,31	28,40	22,03	43,77	17,86	26,56	12,13	26,35	21,80
Indusval	37,50	44,71	31,22	23,13	31,22	12,80	15,70	11,20	3,14	6,38
Itaú Unibanco	42,13	48,17	16,13	41,68	43,79	14,64	26,20	12,46	14,25	17,74
Merc Brasil	35,65	39,30	29,50	53,10	38,66	3,28	3,63	2,95	3,13	10,00
Merc Invest	73,81	59,08	8,14	7,52	5,90	29,75	24,07	1,40	2,65	1,57
Nord Brasil	35,57	38,56	31,87	39,19	39,75	12,24	14,24	17,42	22,89	12,90
Paraná	-	57,01	57,01	55,85	52,50	-	21,26	20,61	30,35	27,93
Pine	48,58	53,15	29,23	0,73	32,70	12,55	16,76	8,53	7,99	11,20
Santander BR	41,53	40,55	22,75	41,97	41,48	10,65	12,79	5,27	5,53	9,43
Média do Setor	38,37	42,78	23,32	35,96	38,78	14,07	18,02	12,44	12,94	14,52

Fonte: Elaborado pelos autores

A margem bruta do setor bancário apresentou variações significativas no período analisado, principalmente do ano de 2007 para o ano de 2008, com a queda de 45%. Com exceção do Banco do Estado do Pará e do Paraná Banco, a queda da margem bruta ocorreu para todos os bancos desta amostra. Em 2009, a maioria dos bancos já recuperava a margem bruta, sendo que o setor recuperou a média de 2006, em 2010, mas continuou abaixo da média de 2007.

A margem líquida também apresentou variações expressivas no período analisado, sobretudo do ano de 2007 para o ano de 2008 - auge da crise financeira. No entanto, a queda relativa de

31% em 2008 em relação a 2007, sendo menor que a queda da margem bruta. Em 2008, apenas o Banco do Brasil, o Banco do Estado do Pará, o Bic Banco e o Banco Nordeste aumentaram a margem líquida.

Ao comparar a rentabilidade do setor bancário norte-americano e brasileiro, Matias et al. (2014) apuraram que os bancos brasileiros apresentam margens menores que as margens dos bancos americanos. No entanto, a variabilidade de ambas as margens é muito menor para os bancos brasileiros que a variabilidade observada para os bancos americanos. Os autores atribuem este fato à estrutura macroeconômica de cada país: nos Estados Unidos praticam-se baixas taxas de juros e operam-se grandes volumes, enquanto no Brasil ocorre o contrário.

Assim como a margem bruta e líquida, os retornos sobre o patrimônio líquido (ROE) e sobre o ativo (ROA) também foram influenciados pela crise financeira de 2008. Na Tabela 6 apresentam-se as taxas de retornos sobre o patrimônio líquido (ROE) e sobre o ativo (ROA).

Tabela 6 - Retornos sobre o Patrimônio Líquido (ROE) e sobre o Ativo (ROA)

Banco	Retorno sobre o Patrimônio Líquido (ROE) (%)					Retorno sobre o Ativo (ROA) (%)				
	2006	2007	2008	2009	2010	2006	2007	2008	2009	2010
Abc Brasil	13,90	8,98	12,92	12,41	15,00	1,62	1,72	2,00	2,05	2,06
Alfa Invest	11,96	20,54	13,60	8,39	8,73	0,93	1,60	1,06	0,77	0,98
Amazônia	9,84	10,00	11,45	1,39	7,35	3,24	2,94	2,98	0,34	1,68
Banco Pan	17,74	11,07	8,07	13,27	(700,54)	1,59	1,84	1,07	1,50	(1,01)
Banese	52,65	37,44	25,97	26,33	32,41	3,86	2,47	1,59	1,75	2,28
Banestes	41,40	36,10	28,43	19,72	21,14	2,57	2,23	1,89	1,47	1,76
Banpará	6,81	20,94	43,84	20,68	26,99	0,61	1,59	5,10	2,46	3,53
Banrisul	27,93	32,83	19,19	15,88	19,23	2,31	4,48	2,34	1,86	2,31
Bicbanco	19,74	11,64	19,02	18,01	17,84	1,42	1,65	2,67	2,79	2,04
Bradesco	20,54	26,41	22,32	19,24	21,06	1,91	2,35	1,68	1,59	1,59
Brasil	29,12	20,85	29,40	28,10	23,20	2,04	1,41	1,69	1,43	1,44
BRB Banco	31,31	30,18	27,06	34,39	26,49	3,43	2,50	2,07	3,10	2,46
Daycoval	19,44	13,58	12,46	12,47	15,45	2,76	3,14	2,93	2,99	3,07
Indusval	15,79	11,16	16,00	2,95	6,80	2,11	2,05	3,23	0,47	0,89
Itaú Unibanco	18,44	29,12	18,37	21,20	23,05	2,08	2,85	1,28	1,80	1,89
Merc Brasil	7,28	8,23	9,00	7,81	20,83	0,65	0,58	0,70	0,55	1,49
Merc Invest	8,44	9,57	3,21	8,97	5,42	3,06	4,12	0,12	0,23	0,21
Nord Brasil	13,49	13,71	23,42	22,15	14,40	1,62	1,55	2,60	2,40	1,32
Paraná	-	9,07	10,39	13,23	14,19	-	3,93	4,25	3,69	3,82
Pine	18,68	18,71	16,08	10,31	13,64	1,92	2,63	2,15	1,22	1,29
Santander BR	10,08	19,92	3,28	2,88	6,06	0,79	1,59	0,47	0,54	1,02
Média do Setor	20,75	24,00	16,63	15,81	17,57	1,86	2,13	1,39	1,45	1,55

Fonte: Elaborado pelos autores

No período analisado, o ROE apresentou variações significativas, registrando a redução de 15,3%, especialmente com as quedas registradas em 2008 e 2009, refletindo a crise financeira internacional. Após o registro do aumento de 15,7% em 2007 em relação a 2006, o ROE do setor registrou em 2009 a redução de 34,1% em relação a 2007. Entre 2006 e 2010, o Banco Estado do Pará, Bradesco, Itaú/Unibanco, Banco Nordeste e Banco Mercantil recuperaram o nível de 2006. Os demais bancos, principalmente Santander e Banco do Brasil, não recuperaram o nível do ROE de 2006, o que resulta na redução de 15,3% em relação a 2006. No entanto, Matias et al. (2014) identificaram que o ROE mediano dos bancos brasileiros foi superior ao ROE mediano dos bancos americanos. Por sua vez, a variabilidade foi mais expressiva entre os bancos brasileiros.

O ROA médio do setor apresentou oscilações mais acentuadas que o ROE, com aumento de 14,5% em 2007 em relação a 2006, e redução de 34,7% em 2008 em relação a 2007. Apesar de sua recuperação em 2009 e 2010 frente a 2008, o ROA manteve a perda acumulada de 16,7% em relação a 2006. Para este indicador de rentabilidade, Matias et al. (2014) notaram que os bancos brasileiros registraram retornos medianos superiores aos bancos norte-americanos, sendo que os bancos norte-americanos apresentaram uma variabilidade mais expressiva do que os bancos brasileiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo buscou analisar os reflexos da crise financeira de 2008 nos indicadores econômico-financeiros dos bancos que integram a B3 e listados na BM&FBovespa. Os resultados apontam para a influência da crise financeira internacional de 2008 sobre o desempenho econômico e financeiro das atividades econômicas, inclusive do setor bancário, objeto deste estudo.

Os indicadores financeiros praticamente não sofreram influência da crise financeira de 2008, ao passo que os indicadores econômicos foram fortemente influenciados pela mesma. Esta situação tem relação com as estratégias adotadas, particularmente, pelos bancos. Mas parte dos resultados apurados é atribuída à intervenção do governo federal, através do BACEN que, no esforço para a preservação da liquidez do sistema bancário, liberou recursos, inclusive dos depósitos compulsórios.

Os bancos tendem a uma diminuição na concessão de créditos na forma de financiamentos e empréstimos, visando preservar a liquidez e reduzir a exposição a riscos. Nesse sentido, nota-se que a liquidez corrente do setor aumentou 9,6% em 2008 em relação a 2007, acumulando o aumento de 8,9% no período. Inversamente, a liquidez geral reduziu em 2008 em relação a 2007, além da redução de 0,9% no período, apesar de pequena recuperação relativa em 2009.

A participação do capital de terceiros, ou endividamento geral, manteve-se quase inalterada, com um ligeiro aumento em 2008, seguido da redução em 2009. Estas variações podem ser parcialmente relacionadas com as variações da liquidez geral que teve redução em 2008 e aumento em 2009. Os indicadores de rentabilidade avaliados - margem bruta e líquida, ROE e ROA - sofreram queda de desempenho durante o período da crise, especialmente em 2008. O ROE e o ROA, apesar de registrarem recuperação em 2009, não conseguiram recuperar o nível de 2006, muito menos o nível de 2007.

Os resultados apurados neste estudo não podem ser generalizados a outros setores, cujas atividades têm características distintas, do setor analisado. A falta de análise da composição dos ativos e dos passivos constitui limitação do presente estudo. Além disso, a utilização de dados secundários não possibilita considerar as particularidades de cada banco, individualmente, sendo que cada instituição pode reagir de uma maneira distinta frente ao mesmo problema.

Portanto, sugerem-se novos estudos com a utilização de dados primários, que permitam uma maior aproximação das instituições bancárias analisadas, bem como que permitam considerar as particularidades de cada uma. Também se sugerem estudos em outros setores econômicos, especialmente exportadores, que estão mais expostos à influência de crises internacionais.

REFERÊNCIAS

- ASSAF NETO, A. **Estrutura e análise de balanços**. 8.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- BAER, W. **A economia brasileira**. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2003.
- BRITO, O. **Controladoria: de risco–retorno em instituições financeiras**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- DULCI, O. S. Economia e política na crise global. **Revista Estudos Avançados**. São Paulo, v.23, n.65, p. 105-119, 2009.
- FERREIRA, D. L. L. **Brasil e China: impactos da crise mundial e respostas de política econômica**. 2014. 102p. Dissertação (Mestrado em Economia)–Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.
- GENTIL, D. L.; MARINGONI, G. Crise econômica e condicionantes internos e externos. In: BISPO et al. (2009). **Crise financeira mundial: impactos sociais e no mercado de trabalho**. Brasília, ANFIP, 2009.
- GITMAN, L. **Princípios de administração financeira**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.
- MARTINS, G. de A. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.
- MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MATARAZZO, D. C. **Análise financeira de balanços: abordagem básica e gerencial**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MATIAS, A. B. et al. Rentabilidade no setor bancário: uma análise comparativa entre bancos brasileiros e norte-americanos. **Revista de Globalização, Competitividade e Governabilidade**, v. 8, p. 70-86, 2014.
- MOTTA, L. **Informativo Bancoob: Crise Financeira**. 63. ed. Brasília: Bancoob, 2008.
- MYERS, S. C. The Capital Structure Puzzle. **Journal of Finance**, v. 39, n. 3, p. 575-592, 1984.
- PADOVEZE, C. L. **Controladoria estratégica e operacional**. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2009.
- PINHEIRO, J. L. **Mercado de capitais**. Fundamentos e Técnicas. São Paulo: Atlas, 2001.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- SANDRONI, P. **Novíssimo Dicionário de Economia**. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SILVA, G. J. C.; RESENDE, M. F. C. A Crise Está Aí, E Agora? In: **Dossiê da Crise: Associação Keynesiana Brasileira**, 2008. Disponível em: <<http://www.ppge.ufrgs.br/akb/dossie-crise.pdf>>. Acesso em: 05 jan. 2015.
- SILVA, J. O; CARDOSO, R. S.; TOLEDO FILHO, J. R. Impacto da crise do *subprime* no endividamento das maiores empresas brasileiras. **Revista Pensar Contábil**, v.12, n 47, p. 16-25, 2010.
- SILVA, J. P. **Análise financeira das empresas**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2008.